


# POESIA CONTEMPORÂNEA: UMA REALIDADE?

Dayse Rodrigues Santos 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, PA, Brasil, dayserodrigues180@gmail.com

Gleid Ângela dos Anjos Costa 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, PA, Brasil, gleid.angela@hotmail.com

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v31i1.92>

Recebido em: 12/08/2019

Aceito em: 03/06/2020

---

GULLAR, Ferreira. Poesia e realidade contemporânea. In: GULLAR, Ferreira. *Indagações de hoje*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

A cidade, palco para os poetas modernos, configura-se como matéria-prima para a criação da poesia modernista. É o que Ferreira Gullar (1989) em seu texto *Poesia e realidade contemporânea*, através de uma análise crítica, explica o modernismo sob um viés da lírica urbana. O texto trata, assim como o próprio título explicita, a realidade em que se sustenta o homem e sua arte. Nesse sentido, o autor traz à tona um mundo pouco mitológico, banal e delirante: a cidade.

Assim como Malcolm Bradbury (1989), em *As cidades do modernismo*, o autor apresenta aspectos de uma literatura que nasce na urbe, que antes abominada pela tradição da mitologia e teologia apresenta-se influenciada pelas transformações da sociedade tecnológica. Em *Les fleur de mal*, de Baudelaire está ancorado o nascimento duma poesia que evoca a estranheza, a extravagância, o satanismo. Por outro lado, essa manifestação artística, em que se inserem os poetas malditos, em nada se assemelha aos poemas tradicionais do belo discurso literário de Homero e Dante, um povoado de boas ações de deuses e homens, outro com o criticismo ao passado. O que é certo é que o desenvolvimento das cidades levou o homem moderno a tentar explicar-se através da vida social e do seu inconsciente. “A cidade se tornou cultura”, já dizia Bradbury (1989, p.04), ela é o *habitat* do poeta e suas urbanas escrituras. O fato é que, elementos como a fixação em objetos despercebidos e imaginados – e aqui, a imaginação ganha força na poesia moderna- moldam esse fenômeno artístico que nasce do concreto e dos aglomerados de gente. Tudo é *multitude* e *solitude* gerados no seio da *polis*, assim como explica Nicolau Sevcenko (1994, p.70): “Nós somos uma tormenta sob o crânio de um surdo” nos tornando homens prisioneiros de si mesmo. Apesar dessa subjetividade forjada, o indivíduo se pluraliza e se reinventa na inserção do *outro* no seu



mundo de individualidade. São cidades superpopulosas, uma *multitude* de silêncios invisíveis que caracterizam uma poesia moderna.

Essa nova poesia são os termos científicos, a rotina, a rebelião do poeta e seu deslocamento e emancipação artística, que rompem com o lírico de Horácio, rumo aos científicismos da cidade. E não há como igualar a poesia do passado com aquela que venera o presente, que demonstra um “mundo sem deuses” (p.14) onde cada um é por si. Este é o *Iocus* do indivíduo contemporâneo: a cidade, a selva em que “não há milagres: o homem cria sua própria vida produzindo e reproduzindo” (p.04).

Nesse sentido a arte tem a função de dialogar com esse ser que se autoflagela e que é dono de sua própria salvação. É nesse clima em que paira a poesia moderna, numa realidade concreta, de cimento e palavras, de linguagem comum e rotineira. Com tudo isso, faz-se necessário discutir a posição do poeta que se embriaga nos seus devaneios. Assim como o sujeito moderno, nas palavras de Stuart Hall (2006), a poesia está se descentrando, saindo de um ponto fixo para o incerto numa busca de uma pertença. Ela vive, como acrescenta Aleilton Fonseca (2000), num deslocamento poético para dar lugar à cultura de massa, ao consumo da sociedade tecnológica. Mas ainda assim, é nesse mundo que o poeta reina e “sonha no concreto o sonho de todos” fazendo uso das escrituras que ora elogia, ora critica, ora aproxima, ora distancia, mas que pode, ou não, se transformar no belo, como nos explica Gullar (1989). O que se espera diante desse panorama fica na insensatez das muitas vozes de ‘mudos’ leitores da cidade grande, e para eles, a arte, e nada mais.

## Referências

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James (orgs). *Modernismo: guia geral 1980-1930*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GULLAR, Ferreira. *Indagações de hoje*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

FONSECA, Aleilton. O poeta na metrópole: “expulsão” e deslocamento. In: *Rotas & imagens: literatura e outras viagens*. Rubens Alves Pereira (org.). Feira de Santana: Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2000, p.43-55.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *Metrópole: matriz da lírica moderna*. In: *Olhares sobre a cidade*. PECHMAN, Robert Moses (org). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.